

Movimento dos sem-presidente

Simpatizantes de Sarney e Itamar já fazem campanha para 1998 de olho em carona para suas próprias candidaturas

Mauro Zanatta
Da equipe do Correio

Na parede, um retrato de Nossa Senhora Aparecida — o terceiro quadro produzido pelo duplê de pintor e ex-presidente José Sarney. No bolso, uma caneta com as iniciais JS. Assim, o advogado maranhense Hezir Gomes Moreira, 53 anos, guarda dois de seus mais preciosos tesouros. No pequeno escritório que divide com o colega Geraldo Eustáquio, 40 anos, no Setor Comercial Sul, resplandece ainda a manjada foto da posse do hoje senador Sarney (PMDB-AP) — autografada e endereçada "ao amigo Hezir".

A obsessão de Hezir por Sarney é tão grande que ele e o colega Eustáquio fundaram uma entidade pelo retorno do ex-presidente à Presidência: o Movimento Popular Sarney (MPS). "Ele é o único que pode tirar o Brasil do buraco", resume Hezir. "Nosso movimento foi feito só para ele. Não apoiaremos outro candidato", avisa. Adotaram o bigode como símbolo, mas usam uma justificativa para lá de desbotada: "O povo nas ruas pede a volta dele. Ouvimos isso todo dia", diz Eustáquio.

Na mesma luta para pilotar a volta de um ex-presidente ao Planalto, está o brigadeiro Ivan Frota. Sua cruzada é pelo retorno do ex-presidente Itamar Franco à cadeira mais cobiçada do país. Um dos fundadores do Partido Social Cristão (PSC), o militar conseguiu reunir 50 pessoas no auditório da Administração de Brasília na quinta-feira. Juntou também outros três micropartidos ao seu projeto: o Partido Progressista Cristão (PPC), o Partido Social Democrático (PSD) e o Partido dos Trabalhadores do Brasil (PTdoB). Juntos, eles representam 1% do Congresso Nacional.

Os seguidores de Sarney cultuam

seu famoso bigode como símbolo do que consideram "bons tempos de inflação alta, mas salários reajustados". E buscam imprimir uma aura de competência ao ex-presidente. "Na época dele, o povo tinha pão e leite, tinha programas sociais. Hoje, o povo passa fome e tem aumento de R\$ 8. É ridículo", ataca Geraldo Eustáquio.

CARONA

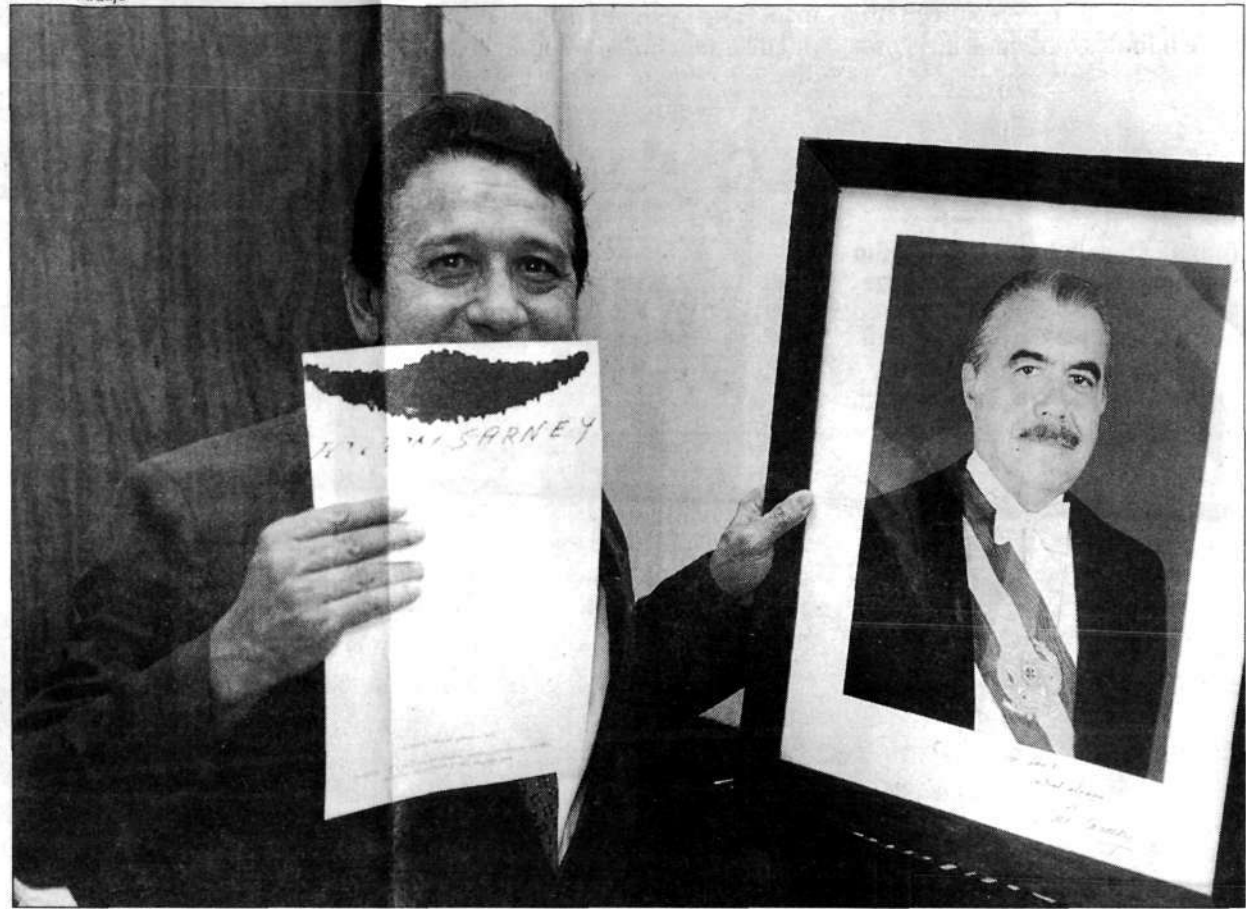
Hezir garante, em documento enviado a todos os líderes do PMDB no Congresso e aos diretórios do partido, que o MPS tem representação em todo o país. Não é bem assim. "Temos coordenadores no Rio, São Paulo, Paraná e Goiás. Semana que vem, vou ao Nordeste para fundar nossas bases por lá", admite Hezir Moreira.

Quem apóia Itamar garante que há gente trabalhando em pelo menos sete estados. "Eu sou o boi-depiranha que dá a cara para bater, mas tem muita gente atrás do nosso movimento", prega o brigadeiro Ivan Frota.

Em comum, as iniciativas de Hezir e Frota têm apenas a distância que mantêm de seus candidatos. O senador Sarney sequer sabe da existência do MPS. Quando souber, avalia um amigo, agradecerá, dirá que é candidatíssimo ao Planalto, mas é preciso cautela. Hezir e o colega Eustáquio tentam a identificação política com Sarney para, quem sabe, disputar algum cargo público em Brasília com seu apoio. Recente pesquisa Ibope coloca o ex-presidente em 3º lugar na briga pelo Planalto.

Já Itamar sabe dos movimentos de Frota, mas não tornará público seu apoio. Ele até liga para o brigadeiro, sonda o clima, mas não capitulará às tentações de anunciar sua candidatura. Frota não era amigo de Itamar até a briga contra a privatiza-

Paulo de Araújo



O advogado Hezir Moreira, fundador do Movimento Popular Sarney (MPS): "Ele é o único que pode tirar o Brasil do buraco"

ção da Companhia Vale do Rio Doce. Até então, Frota não era do grupo político denominado "turma de Juiz de Fora", hoje a "turma dos ex" — Henrique Hargreaves, ex-ministro-chefe da Casa Civil; Mauro Durante, ex-secretário da Presidência; José Aparecido, ex-embaixador em Portugal e José de Castro, ex-advogado-geral da União. O deputado Raul Belém (PFL-MG), também frequente e integra o grupo.

Por isso, os dois presidenciáveis não sabem exatamente com quem estão lidando. Sabem quem está na cabeça dos movimentos, mas não sabem quem poderá embarcar nessas cruzadas. Receosos, amigos íntimos de ambos desconfiam. Citam o caso de Luiz Antônio Medeiros, presidente da Força Sindical. Na campanha presidencial de 1989, Medeiros pegou carona na popularidade

de Collor para, mais tarde, tentar uma vaga no Senado. "É um movimento espontâneo, mas não tem nosso dedo nessa articulação", diz Henrique Hargreaves.

EVANGÉLICOS

A reunião dos micropartidos em apoio a Itamar, por exemplo, ocorreu em clima de culto evangélico. Com a presença de vários pastores e muitos líderes religiosos, usou-se muito o santo nome de Deus em vão. "Todos sabem que o Brasil está doente. Caminhamos para uma ditadura militar. Apoiamos Itamar porque, graças a Deus, ele é um presente dos céus", recitou Itiberê Zenn, presidente do PSC em Brasília.

Ivan Frota, militar que atravessou a ditadura sem reclamar, incentivou a platéia e aplaudiu as exaltadas defesas do ex-presidente. Os fiéis, em

coro, respondiam aos discursos com vários "améns".

A proximidade com os eleitores evangélicos, avalia Frota, é fundamental para a volta de Itamar. "Eles são uma fatia importante do eleitorado e são muito seletivos", garante Frota. E o PSD promete ser o ninho dos evangélicos. O deputado De Velasco (PSD-SP) é um dos três parlamentares do partido na Câmara. Foi eleito pelo imenso rebanho da Igreja Universal do Reino de Deus.

O brigadeiro espicha também o olho para o eleitorado militar. Ele preside a Confederação Nacional dos Integrantes e Beneficiários das Forças Armadas (Confamil). "Tem várias associações de PMs filiadas à Confamil e vamos criar uma força política militar. A intenção é fazer disso uma bola de neve", teoriza Frota.